



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**JANATHAN RONYERE DA SILVA**

**O ENSINO DE ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO  
FUNDAMENTAL: O CASO DA ESCOLA ESTADUAL AUGUSTO DOS  
ANJOS**

**CAMPINA GRANDE – PB**

**Agosto – 2013**

**JANATHAN RONYERE DA SILVA**

**O ENSINO DE ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO  
FUNDAMENTAL: O CASO DA ESCOLA ESTADUAL AUGUSTO DOS  
ANJOS**

Trabalho de conclusão de curso (TCC)  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,  
como requisito parcial para a obtenção de  
título de Licenciatura Plena em Pedagogia.

Orientadora :Prof<sup>ª</sup>. Ms. Rosemary Alves de Melo

**CAMPINA GRANDE – PB**

**Agosto– 2013**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

S586e Silva, Janathan Ronyera da.

O ensino de arte e a interdisciplinaridade no ensino fundamental [manuscrito] : o caso da Escola Estadual Augusto dos Anjos. / Janathan Ronyere da Silva, 2013.  
50 f. il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Rosemary Alves de Melo, Departamento de Pedagogia”.

1. Ensino Fundamental 2. Ensino de Arte 3. Prática Docente I. Título.

21. ed. CDD 372.5

**JANATHAN RONYERE DA SILVA**

**O ENSINO DE ARTE E A INTERDISCIPLINARIDADE NO  
ENSINO FUNDAMENTAL: O CASO DA ESCOLA ESTADUAL  
AUGUSTO DOS ANJOS**

Trabalho de conclusão de curso  
(TCC) apresentado ao Curso de  
Pedagogia da Universidade Estadual  
da Paraíba – UEPB, como requisito  
parcial para a obtenção de título de  
Licenciatura Plena em Pedagogia.

Aprovado em: 02/09/2013

*Rosemary Alves de Melo*

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Rosemary Alves de Melo – UEPB

Orientadora

Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Marta Lúcia de Souza Celino – UEPB

Examinadora

*Maria de Lourdes Cirne Diniz*

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Maria de Lourdes Cirne Diniz – UEPB

Examinadora

**CAMPINA GRANDE – PB**

**Agosto– 2013**

## SUMÁRIO

<b>Lista dos quadros e fotos.</b> .....	08
<b>INTRODUÇÃO.</b> .....	09
<b>1– O ENSINO DE ARTE COMO PROMOÇÃO DA DEMOCRATIZAÇÃO DA ARTE.</b> .....	11
1.1 - Período histórico do processo democrático do ensino de arte no Brasil.....	11
1.2 A arte como instrumento democrático à Educação.....	13
<b>2- A INTERDISCIPLINARIDADE NA DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO DE ARTE.</b> .....	17
<b>3– A INTERDISCIPLINARIDADE DA ARTE VIVENCIADA NA EXPERIÊNCIA DOCENTE.</b> .....	19
3.1 – A Instituição de Ensino e a Turma Contemplada na Aplicabilidade do Projeto.....	19
3.2 – Introdução a Prática Pedagógica.....	20
3.2.1 -Arte e Língua Portuguesa: Uma Abertura à Diversidade.....	21
3.2.2 – Arte e Matemática: O Desenho e as Medidas de Comprimentos. ....	25
3.2.3 – Arte, Geografia e Ciências: A Musicalidade como Suporte à Consciência do uso Adequado da Água.....	29
3.2.4 – Arte, História do Brasil e História da Paraíba: Escravidão, Racismo e Preconceitos sob a Perspectiva da Obra de Cândido Portinari.....	30
3.2.5 – Arte e Cultura Indígena: A Relação do Indígena com a Natureza a partir das Histórias em Quadrinhos.....	34
3.2.6 – Arte Inclusiva.....	36

<b>4-OS EMPASSES E CONQUISTAS DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR EM ARTE.....</b>	
.....40	
<b>5- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>43</b>
<b>6 -REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>7 - ANEXOS.....</b>	<b>47</b>

## **RESUMO**

A partir da justificativa de que o ensino de Arte, sobretudo nas escolas públicas, tem recebido um caráter de inferioridade, desde sua posição no currículo escolar às práticas na sala de aula, este trabalho aborda a proposta de um ensino democrático a partir da disciplina de Arte. A proposta do trabalho é para que sob a perspectiva da interdisciplinaridade promovida através do projeto de pesquisa associado ao componente de Estágio Supervisionado VI, do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, tanto a professora quanto os alunos da turma do 5º ano da Escola Estadual Augusto dos Anjos, se possa promover um ensino democrático, prazeroso e significativo tanto para a disciplina de Arte quanto para as demais disciplinas do currículo escolar. Essa proposta traz ainda, um caráter inclusivo adaptado às necessidades educacionais especiais para crianças com deficiência visual as quais compõem a turma contemplada para a aplicabilidade do projeto de pesquisa.

## **ABSTRACT**

From the grounds that the teaching of art, especially in public schools, has received an irrelevance character, from its position in the school curriculum practices in the classroom, this paper discusses the proposal for a democratic education from the discipline of Arts. The purpose of this study is that the perspective promoted by the interdisciplinary research project associated with the component Supervised VI, the Full Degree course in pedagogy, both the teacher and the students in the 5th year of the State School Augusto Angels, you can promote a democratic education, enjoyable and meaningful for both the discipline of Art and for the other disciplines of the curriculum. This proposal also brings an inclusive character adapted to the special educational needs for children with visual impairments which make up the class privileged for the applicability of the research project.

## LISTA DOS QUADROS E FOTOS

Quadro 1: Explicação demonstrativa das modalidades artísticas construído a partir da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais – arte, volume 6 .....	20
Foto 1: Explicação sobre as modalidades artísticas .....	22
Foto 2: Criança fazendo a experiência do reflexo da luz sobre a folha de papel .....	23
Foto 3: Crianças produzindo o Disco de Newton .....	24
Foto 4: Criança girando o Disco de Newton .....	25
Foto 5: Exposição das medidas não convencionais e dos submúltiplos do metro .....	25
Foto 6: Aluno representando graficamente sua altura.....	27
Foto 7: Criança representando os materiais escolares em tamanho real.....	28
Foto 8: Criança montando um cartaz sobre a preservação da água do planeta Terra.....	30
Foto 9: Leitura do conto: A Bela Adormecida.....	31
Foto 10: Arco-íris refletido pela luz do Sol através de um cd.....	32
Foto 11: Criança fazendo a releitura da obra “O lavrador de café” de Cândido Portinari a partir das técnicas do desenho à grafite.....	33
Foto 12: Professora titular da turma expõe a reprodução de obras pintadas por artistas com deficiência.....	36
Foto 13: Criança esboçando o desenho de uma arara.....	37
Foto 14: Criança esboçando o desenho de um tigre.....	38
Foto 15: Criança com deficiência visual pintando a releitura de uma obra.....	38

## INTRODUÇÃO

Em todo o seu período histórico no Brasil, o ensino de Arte nas escolas públicas tem passado por um contínuo processo de interferências, principalmente no que diz respeito às séries iniciais do Ensino Fundamental, sejam essas, colaborativas no que diz respeito às diversas pesquisas e contribuições nos últimos anos ou até mesmo degradativas onde, em diversas instituições, práticas mecânicas e descontextualizadas se fazem presente na metodologia das aulas de Arte. Tais ações tem gerado conformismo tanto por parte de educadores como dos próprios alunos que, ao estarem diante de novos desafios no que diz respeito à Arte, se limitam simplesmente a dizer que não sabem fazer.

Diante das considerações aqui apresentadas, identificamos a necessidade de uma prática pedagógica que torne o ensino de Arte mais significativo e que produza conhecimento tanto para os professores quanto para os alunos. Para isso, desenvolvemos um projeto pedagógico que tem como foco, a democratização do ensino de arte através da interdisciplinaridade, na intencionalidade de que, ao transversalizar o ensino artístico com as demais disciplinas o contextualizando com o cotidiano dos alunos, possa ser promovido um ensino e uma aprendizagem mais consistente e significativo.

Nessa perspectiva, a pedagogia interdisciplinar associa-se como uma aliada essencial na democratização do ensino de Arte. Na proposta de desenvolver uma prática interdisciplinar, partindo de uma metodologia de visão artística pedagógica, foram realizadas algumas visitas prévias à escola para um período de observação da turma e planejamento dos conteúdos juntamente a professora titular. O público alvo foram as crianças da turma do 5º ano da Escola Estadual Augusto dos Anjos, localizada no bairro da Liberdade, Campina Grande – PB. A proposta do projeto foi a de promover um ensino de arte democrático e interdisciplinar.

Ao mencionar a democratização do ensino de Arte, fazemos menção de toda a sociedade escolar em que não se podemos esquecer as crianças com deficiência, presentes hoje, em muitas de nossas escolas, como foi o caso da turma contemplada para a aplicabilidade do projeto de pesquisa. Como se falar então de democratização, se as crianças com deficiência ficarem a margem da prática pedagógica que utilizamos? Para suprir essa necessidade, foi preciso, através do planejamento pedagógico, desenvolver uma flexibilidade para todas as aulas, na intencionalidade de que as crianças com deficiência pudessem também, participar de todas as atividades artísticas em consonância as demais disciplinas.

As atividades que compuseram o planejamento e a prática do projeto foram contempladas nas disciplinas de Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História do Brasil, História da Paraíba, Ciências e uma aula sobre Cultura Indígena.

# 1 –O ENSINO DE ARTE COMO PROMOÇÃO DA DEMOCRATIZAÇÃO DA ARTE.

## 1.1 Período histórico do processo democrático do ensino de arte no Brasil

Durante todo o seu período histórico, o ensino de Arte no Brasil sofreu deficiências quanto a sua prática. Conforme descreve os Parâmetros Curriculares Nacionais, as deficiências são geradas quase sempre pela falta de investimentos no que se refere às políticas públicas educacionais para o ensino de arte educação. Introduzido no Brasil desde a primeira metade do século XX, o ensino de Arte era essencialmente marcado pela tendência tradicionalista onde as escolas valorizavam principalmente as habilidades manuais e as ações para a prática pedagógica, provinham do imediatismo e do espontaneísmo. As atividades artísticas desenvolvidas nas escolas, sobretudo as de dança e teatro eram reconhecidas apenas, quando faziam parte das festividades e datas comemorativas (PCN, 2001).

Ainda no que diz respeito ao ensino de arte no período aproximado entre as décadas de 20 e 30, os PCN's afirmam que o mesmo:

Era voltado essencialmente para o domínio técnico, mais centrado na figura do professor; competia a ele “transmitir” aos alunos os códigos, conceitos e categorias, ligados a padrões estéticos que variavam de linguagem, mas que tinha em comum, sempre, a reprodução de modelos (2001, p. 25).

Um ensino voltado essencialmente para o domínio de técnicas e conceitos não podia de forma alguma, promover uma aprendizagem significativa, principalmente ao nos referirmos ao contexto histórico do tradicionalismo pedagógico onde nem sequer, as demais disciplinas do currículo escolar dispunham de uma vivência democrática à Educação, muito menos, o ensino de Arte que não era ainda, conceituado como disciplina, mas sim, atividades artísticas.

Durante o período entre os anos 20 e 70, o ensino de Arte vivenciou outras experiências no âmbito da Educação. Agora, influenciado pelas tendências escolanovistas, as práticas pedagógicas enfatizadas pela repetição de modelos e no professor são redimensionadas para os processos de desenvolvimento e criação da criança (PCN 2001 p. 26).

Podemos então perceber que, a partir das influências da Escola Nova, no final da primeira metade do século XX, as práticas pedagógicas para o ensino de Arte nas escolas brasileiras, assumem um pequeno (mas significativo quanto às décadas anteriores), progresso. Principalmente no que diz respeito às artes plásticas em que, associadas ao desenho: Assumem concepções de caráter mais expressivo, buscando a espontaneidade e valorizando o crescimento ativo e progressivo do aluno. As atividades de artes plásticas mostram-se como espaço de invenção, autonomia e descobertas, baseando-se principalmente na auto expressão dos alunos.

No entanto, torna-se necessário ressaltar que o processo evolutivo do ensino de Arte, apesar de progressivo, deu-se de forma lenta, sobretudo, pela falta de políticas educacionais que dessem consistência ao mesmo. As atividades autônomas voltadas para as descobertas, ainda consistiam de uma estrutura curricular e de conteúdos, dando ao ensino artístico, um caráter ainda superficial. Mas, é também nesse período que o crescimento dos movimentos culturais destaca-se na tentativa de propor o trabalho artístico tanto dentro quanto fora das escolas. Assim como o surgimento dos museus de arte moderna e contemporânea. Um marco para a época foi a “Semana de Arte Moderna de São Paulo” em que artistas de várias modalidades como música, poesia, dança e artes plásticas se fizeram presente (2001, p.27).

Entre as décadas de 60 e 70, os movimentos artísticos mobilizados pelos estudantes nos festivais de canções e no teatro, mais precisamente na região Sudeste do país, dão abertura a um caminho integrado à realidade artística brasileira, reconhecida mundialmente como original e rica, sobretudo a música brasileira.

Sendo a arte nas escolas considerada apenas como uma atividade educativa e não obrigatória, na década de 80, forma-se por parte de profissionais da área, o movimento Arte-Educação. O mesmo surge com a finalidade de conscientizar os profissionais, resultando na mobilização de grupos de professores de Arte promove a discussão sobre a valorização e o aprimoramento do professor de arte. Discussões como essa em várias áreas da Educação favoreceram a promulgação da Constituição em 1988, referente à nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, deixando ainda a não obrigatoriedade do ensino de arte nas escolas públicas e gerando protestos e manifestações por parte dos educadores da área.

Conforme ressalta o PCN de Arte, somente com a Lei nº 9.394/96, art. 26, § 2º revogando-se as disposições anteriores à mesma, o ensino de Arte passa a ser obrigatório na Educação Básica: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da Educação Básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (2001, p.30).

Sendo assim, o ensino de arte chega ao final da década de 90 mobilizado por novas propostas curriculares com conteúdos próprios ligados a cultura e ao conhecimento artístico e não mais apenas, como atividades artísticas.

Atualmente, diversas tem sido as propostas e contribuições teóricas para o ensino de Arte nas escolas brasileiras. Sobretudo a Abordagem Triangular, criada por Ana Mae Barbosa, difundida por todo o país através dos estudos, pesquisas e movimentos artísticos que faz ênfase a integração do fazer artístico, a leitura de obras de arte e sua contextualização histórica.

A Arte hoje, não pode mais, ser compreendida como uma expressão de sentimentos espontaneístas como era vista no início da década de 80. Barbosa (2002 p.17), afirma que:

Hoje, à livre expressão, a Arte-Educação acrescenta a livre interpretação da obra de Arte como objetivo de ensino. O slogan modernista de que todos somos artistas era utópico e foi substituído pela ideia de que todos podemos compreender e usufruir da Arte.

Essa abordagem nos remete a compreensão de que, quanto aos estudos e pesquisas acerca do ensino de Arte, estamos em constante avanço, na expectativa de que a conciliação da teoria com o planejamento e a prática, escolas e professores do ensino público possam contribuir para a democratização através da Arte.

## **1.2 A arte como instrumento democrático à Educação**

Entender a Arte na Educação como um instrumento democrático é estar disposto a vivenciar novas experiências pedagógicas no cotidiano escolar. Faz-se aqui necessário uma abertura para novas práticas, tal com a necessidade de uma flexibilização para novas contribuições e descobertas durante todo o seu processo pedagógico.

Desde o final da década de 80, o ensino de Arte nas escolas brasileiras vem alcançando um patamar de ascendência e, principalmente em seu eixo teórico, diversas tem sido as contribuições para um ensino mais democrático e significativo na promoção do conhecimento e da cidadania. Entre elas, a Abordagem Triangular, de Ana Mae Barbosa, que incentivava a leitura e a releitura de obras e sua contextualização histórica. Práticas como essas, têm contribuído para o reconhecimento do ensino de Arte no currículo escolar (KEHRWALD, 2006 p. 23).

Sabemos que na maioria das vezes, os próprios profissionais da Educação são o resultado de experiências que ao longo de suas vidas na escola, sofreram com a falta de consistência e seriedade dada ao ensino de Arte, tornando-se meros reprodutores da própria prática que receberam, não por incompetência, mas essencialmente, pelo distanciamento dos processos que compreendem as atividades artísticas como ler, interpretar e criar. É justamente por esse distanciamento dos processos de desenvolvimento artístico que surge ao professor que leciona Arte, sobretudo o professor polivalente, a necessidade da flexibilização de sua prática educativa a novos posicionamentos quanto ao ensino da disciplina e sua importância no currículo escolar.

Ana Mae defende ainda que, a importância do ensino de Arte nas escolas não é justificada apenas pela sua contribuição histórica a humanidade, deixada pelos povos primitivos em utensílios ou cavernas, mas, sobretudo no processo de alfabetização cultural da criança. Assim, a leitura social, cultural e estética do meio ambiente que é acessibilizada à criança desde os primeiros anos de vida, vai dar sentido ao mundo da leitura verbal. Desta forma, a representação plástica visual do universo das palavras ajuda tanto no processo de comunicação verbal da criança, como a prepará-la cognitivamente para a ação da escrita (2001, p.27 e 28).

A escola não tem por objetivo formar artistas, mas cidadãos construtivos e participantes. O contato que a escola poderá promover dos alunos com obras e produções artísticas são indispensáveis ao processo artístico e pedagógico, criando laços de familiaridade com o universo artístico. No entanto, é através do planejamento às práticas promovidas pela instituição escolar, que alunos e professores poderão contextualizar o ensino de Arte às suas próprias práticas de vida como cidadãos.

As práticas educativas que compreendem o ensino de Arte devem ser introduzidas à Educação desde a Pré – Escola e que, a criança deverá ter acesso a outros conhecimentos mais consistente do universo artístico, dando ao currículo escolar da disciplina de Arte, uma estrutura mais significativa ao ensino. No entanto, percebe-se em nosso meio, que o inverso dessa proposta é o que vem sendo praticado nas escolas públicas de Ensino Fundamental.

Tourinho, (2002, p.29) afirma que: “é no espaço da sala de aula que o conhecimento selecionado pela escola pode vir a expandir e a restringir a experiência dos alunos. ” É justamente na atribuição dos processos que compreendem as atividades artísticas ao planejamento pedagógico que a escola poderá promover um ensino democrático, crítico e reflexivo, não apenas pela oportunidade que alunos e professores terão agora de familiaridade com essas praticas, mas também, pela maior seriedade e compromisso que se dará desta forma, à disciplina de Arte.

Entre as diversas práticas pedagógicas presentes no ensino de Arte, o desenho, que é uma prática inicial ao ensino de Arte, sendo aperfeiçoado e trabalhado com maior sofisticidade ao decorrer dos anos iniciais do processo de aprendizagem das crianças, tem sido a mais presenciada em nossas escolas.

No entanto, tem-se observado que à medida que o aluno avança nos anos escolares, eles regridem quanto ao interesse e a pratica dos conhecimentos artísticos, não compreendendo sequer, as noções básicas do desenho. É através da prática e do aperfeiçoamento do desenho que a criança poderá desenvolver tanto a técnica quanto a compreensão representativa daquilo que lhe é proposto, seja através dos conteúdos escolares ou em sua vida cotidiana.

Outra prática pedagógica que engloba o universo da Arte-Educação é a musicalidade, também necessária na promoção de um ensino democrático e interdisciplinar e quase sempre, muito bem introduzidas nas salas de aula de Educação Infantil, com temáticas e ações de incentivo à coletividade, à boa alimentação, cuidados com o corpo e com o próximo e que, ao passar dos anos, os alunos são levados a compreender que tais ações, são visadas como infantis e dispensáveis ao processo de amadurecimento cognitivo e biológico.

É através do uso da música na sala de aula que o PCN de Arte propõe que seja promovida no processo educacional da criança a “percepção e identificação dos elementos da linguagem musical (motivos, formas, estilos, gêneros, sonoridades, dinâmicas, texturas, etc.) em atividades de apreciação, explicitando-os por meio da voz, do corpo, de materiais sonoros disponíveis, de noções ou de representações diversas” (2001, p. 79).

Estamos então, diante da necessidade de que o professor de Arte se aproprie dos avanços teórico-pedagógicos para o ensino da disciplina, intervindo cada vez, com mais profundidade no contexto social que a Arte se insere dentro e fora do cotidiano escolar.

É justamente por meio da prática pedagógica do professor que o aluno terá acesso a democracia que lhe cabe através do ensino de Arte.

No que diz respeito à intervenção do docente no processo democrático, Barbosa (2002, p.14), considera que:

Somente a ação inteligente e empática do professor pode tornar a Arte ingrediente essencial para favorecer o crescimento individual e o comportamento de cidadão como fruidor de cultura e conhecedor de construção de sua própria nação.

Isso nos remete a compreensão de que o papel do professor é bastante significativo e necessário ao se tratar da formação do cidadão. Só através dessa intervenção, o aluno será capaz de compreender que ele também, faz parte do universo cultural da Arte. Quando compreendemos que também fazemos parte desse universo abrangente que, assim como nós, sofre modificações, entendemos que também somos capazes de transformá-lo. Desta forma, o professor precisa se posicionar como mediador entre os alunos e o conhecimento da arte, contextualizado às suas vidas para que dessa forma, os mesmos se vejam como sujeitos participantes, críticos e construtivos de uma sociedade respeitosa e diversificada.

Entre as diversas contribuições da pesquisadora Ana Mae Barbosa, a Abordagem Triangular destacou-se como um marco no processo de desenvolvimento da Arte-Educação no Brasil. Proclamada antes, como Metodologia Triangular, que segundo o PCN de Arte, interagia o fazer artístico, a apreciação de obras e a contextualização histórica da Arte, sofreu alterações significativas em aspectos de compreensão em relação ao que foi publicado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Conforme afirma Ana Mae em depoimento via e-mail em fevereiro de 2010 em elaboração a uma pesquisa sobre a Abordagem Triangular; a mesma foi mal compreendida pelos PCNs ao elegerem a apreciação em vez de leituras de obras. A apreciação implica na ideia de aceitação e de reprodução de valores da elite diante das classes sociais (GUIMARÃES, 2010 p. 431).

O conceito de leitura no universo artístico: “abrange a descrição, interpretação, compreensão, decomposição e recomposição para que se possa aprendê-las como um objeto a conhecer.” (KEHRWALD, 2006 p. 24).

A diversidade de tipos de obras, tais como suas técnicas aplicadas em suas produções, é bastante abrangente e o uso das mesmas nas aulas de Arte, tanto promovem a democracia do conhecimento artístico quanto à sensibilização do olhar da criança no que diz respeito às obras de arte. Kehrwald considera que: “quanto mais alimentados de imagens de arte estiver o olhar, maior será a possibilidade de inferências, de criatividade e de sensibilidade nos demais relacionamentos da vida cotidiana” (2006, p. 25).

A releitura de obras, também está vinculada ao fazer artístico, contemplado na Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. A releitura, se “refere ao processo de produção por parte do aluno de um trabalho prático, envolvendo as variadas técnicas das artes visuais ou

mesmo de outras áreas de conhecimento, como a música, o teatro e a dança.” (KEHRWALD, 2010, p. 30).

A releitura não deve ser compreendida como uma cópia, mas como a oportunidade que o aluno terá de, a partir da base de um texto visual, elaborar reinterpretar e trazer a obra, novos significados. Pillar considera a leitura e releitura como “criações, produções de sentido aonde buscamos explicitar relações de um texto como o nosso contexto” (1999, p. 20).

Compreendemos então que o ensino de Arte, sobre tudo nas escolas públicas e de Ensino Fundamental têm se tornado cada vez mais abrangente e significativo para a promoção de um ensino democrático e que, suas respectivas contribuições ao currículo escolar e a sociedade tem estado à disposição à prática pedagógica de seus profissionais da Educação.

## 2- A INTERDISCIPLINARIDADE NA DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO DE ARTE

Desenvolver uma prática interdisciplinar na busca pela democratização do ensino de Arte ou em qualquer outra disciplina, não consiste apenas, na junção de disciplinas em uma mesma aula, mas da interação que as mesmas possibilitam no trabalho pedagógico garantindo que tanto as características quanto os conteúdos de ambas permaneçam consistentes e preservados.

Ao tratar da terminologia da palavra interdisciplinaridade, Richer, afirma que:

O prefixo “inter” vai indicar a inter-relação entre duas ou mais disciplinas, sem que nenhuma se sobressaia sobre as outras, mas que se estabeleça uma relação de reciprocidade e colaboração, com o desaparecimento de fronteiras entre as áreas do conhecimento.(2002 p. 85)

Essa afirmação nos leva a compreensão de que, ao se trabalhar por meio da perspectiva da interdisciplinaridade, não estamos descaracterizando nenhuma disciplina nem tão pouco, retirando sua essencialidade, mas propondo uma prática metodológica que favoreça a compreensão dos conteúdos e sua contextualização entre ambas com o cotidiano de alunos e professores dentro e fora da sala de aula. Desta forma, uma disciplina não é descaracterizada por outra, ocorrendo assim, uma correlação entre ambas, mesmo que uma se sobressaia sobre a outra a partir do conteúdo em que se está sendo trabalhado. Um determinado conteúdo pode ser essencialmente da disciplina História, mas podendo ser também, muito bem explorado na disciplina de Língua Portuguesa através do auxílio de textos, estudo da gramática ou outros recursos metodológicos. Essa necessidade torna-se explícita, por exemplo, quando presenciamos um aluno que apresenta uma leitura precária nos textos de Língua Portuguesa e o mesmo acontece nas demais disciplinas.

A prática interdisciplinar surge com a função de colaboradora na construção de um ensino democrático para as disciplinas que a ela se entrelaçam. Nesse sentido, não apenas o ensino de Arte, mas também as demais disciplinas tornar-se-ão significativas na produção do conhecimento.

Conforme defende Luck:

O enfoque interdisciplinar no contexto da educação manifesta-se, portanto, como uma contribuição para a reflexão e o encaminhamento de solução às dificuldades relacionadas à pesquisa e ao ensino, e que dizem respeito à maneira como o conhecimento é tratado em ambas às funções da educação.(1994 p. 20)

Nessa perspectiva, o trabalho interdisciplinar vem a favorecer não apenas, a produção do conhecimento, mas também, surge como facilitador na identificação de dificuldades

relacionadas à prática pedagógica e propõe a reflexão e a busca de soluções que favoreçam o suprimento das necessidades educacionais da sala de aula como, por exemplo; a falta de domínio e conhecimento que um aluno possa ter em um conteúdo ou disciplina. O que não significa que todas as aulas sejam ministradas ou avaliadas pela perspectiva da interdisciplinaridade.

A prática metodológica interdisciplinar deve ser utilizada a partir do planejamento sempre que for identificada a necessidade da mesma no processo de desenvolvimento da aprendizagem do aluno. Assim, um aluno com dificuldade de aprendizagem dos conteúdos em certa matéria e que se identifique com uma determinada disciplina como Arte, por exemplo, pode ser melhor aproveitado nas aulas de Matemática (caso essa seja a necessidade), se houver a relação entre ambas tanto nas aulas quanto nas avaliações.

O objetivo central da arte na Educação Básica consiste na ampliação do universo cultural do aluno e a escola só cumpre esse papel quando ela assume um trabalho que tanto permita o contato com as diversificadas manifestações artísticas quanto desenvolva a percepção e a compreensão dos elementos básicos de cada linguagem da arte na Educação. Sendo assim, dentro de um processo democrático ao conhecimento e acesso à cultura, é preciso que a escola encare o desafio de buscar formas alternativas para desenvolver em todos, a familiarização com a arte. (PENNA,1995 p.20).

A proposta então é que, a interdisciplinaridade seja obtida como uma forma alternativa que promova a todos, a democratização do conhecimento da arte na vida dos alunos, incluindo as crianças com deficiência, presentes hoje, em muitas de nossas escolas.

A maior dificuldade na democratização do ensino de arte vem da falta de investimentos e políticas públicas educacionais no ensino da mesma, provocando na maioria dos professores que lecionam arte, seja nos anos iniciais do Ensino Fundamental ou demais modalidades de ensino, um senso de limitação e acomodação. Para tanto, Maura Penna defende que “é preciso, antes de mais nada, não fugir do desafio de construir nesse país, as condições e os meios para uma real democratização no acesso ao saber, à cultura e à arte” (1994 p. 22).

Compreende-se aqui que, a democratização do ensino de Arte se dá através do conhecimento da importância e relevância que a Arte trás em nossas vidas e que por meio da interdisciplinaridade nessa construção democrática do conhecimento, a prática pedagógica passa a ter um caráter mais significativo, refletido não apenas no ambiente escolar promovendo assim, pessoas que não apenas observadoras e analistas, mas também, sujeitos transformadores do contexto social em que estão inseridos.

### **3 – A INTERDISCIPLINARIDADE DA ARTE VIVENCIADA NA EXPERIÊNCIA DOCENTE.**

Ao descrever a experiência da aplicabilidade do projeto “A Democratização do Ensino de Arte sob da Perspectiva da Interdisciplinaridade”, em consonância com a prática do Estágio Supervisionado VI, podemos fazer consideráveis observações, obtidas como excelentes resultados de pesquisa, as quais são relatadas a seguir.

O projeto que antes, visava apenas abordar a temática da democratização do ensino de Arte e proporcionar um maior acesso ao conhecimento das artes, ganhou um novo revestimento ao unir-se a proposta de estágio, onde as demais disciplinas como Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História e Ciências vieram a ser acrescentadas. Diante de tal proposta, o desafio agora era o de que o projeto não perdesse sua característica artística e democrática e ao mesmo tempo, abraçasse as demais disciplinas em seu contexto artístico-pedagógico, fazendo da interdisciplinaridade uma indispensável aliada ao processo de planejamento, prática e análise do projeto de pesquisa.

Outra relevante característica essencial que o projeto recebeu, foi a flexibilização das atividades para as crianças com deficiência visual, o que nos levou a busca de orientações e recursos adequados para o desenvolvimento de metodologias que viessem a fazer das crianças cegas, alunos, tão ativos e dinâmicos no que diz respeito às atividades pedagógicas quanto as demais crianças da sala.

#### **3.1 – A Instituição de Ensino e a Turma Contemplada na Aplicabilidade do Projeto**

Na difícil busca de encontrar uma instituição que estivesse disposta a receber estudantes universitários, acabamos sendo muito bem recebidos, podendo-se dizer até: de braços abertos, pela Escola Estadual Augusto dos Anjos, tanto na pessoa da gestora quanto dos professores e equipe técnica.

A Escola Estadual Augusto dos Anjos está localizada no bairro da Liberdade, Campina Grande – PB. A mesma tem funcionamento nos turnos da manhã e tarde com Ensino Fundamental I. A instituição é atribuída de 09 salas de aula e possui ainda uma sala de recursos com equipe técnicas para servir de apoio as crianças com deficiência visual, que se fazem presente em quase todas as salas de aula. Essas crianças estudam na escola durante um turno e no horário oposto, são acompanhadas pelo Instituto dos Cegos de Campina Grande – PB. A escola possui ainda 01 secretaria, 01 cozinha, 01 sala de professores, 01 pátio e 01 banheiro para professores e 01 para alunos.

A turma contemplada foi a do 5º ano do turno da tarde, cuja professora cursou o Pedagógico na Escola Normal de Campina Grande e é graduada em Pedagogia pela

UVA(Universidade do Vale do Acaraú). A mesma se fez presente em todos os momentos necessários, desde o planejamento das aulas até o acompanhamento e apoio durante todo o processar da prática pedagógica do projeto de pesquisa.

A turma é constituída de 28 alunos, com faixa etária entre 11 e 15 anos, sendo destes, um menino e uma menina com deficiência visual. A partir da flexibilidade utilizada nas aulas, todas as crianças puderam participar significativamente em suas atividades de arte, transversalizadas com as demais disciplinas do currículo escolar.

### 3.2 – Descrição da Prática Pedagógica.

Ao se dar início a sequência de aulas, percebemos a necessidade de fazer uma breve discussão a cerca do que vem ser a Arte e em que contexto ela esta relacionada com o nosso cotidiano, escola e sociedade.

Durante a discussão, as crianças foram questionadas a cerca do que elas já sabem sobre a Arte e as respostas das crianças foram bem limitadas ao conciliarem a Arte apenas ao desenho e a pintura. O objetivo dessa discussão foi justamente o de desmistificar esse pensamento tão presente na maioria das escolas publicas em que tivemos oportunidade de conhecer através dos estágios e pesquisas nas escolas.

Essa abertura discursiva da aula foi uma excelente oportunidade para discutir quais são as modalidades artísticas do ensino de Arte, proposta nos PCN's(BRASIL, 2001) para o Ensino Fundamental. De acordo com o PCN (2001, p.11), volume 6, o ensino de Arte está proposto em quatro modalidades. Sendo elas: arte visual, artes cênicas, musica e dança. A partir dessa colocação, foi possível fazer a seguinte demonstração no quadro:

<h1>Arte</h1>	<b>Artes Visuais</b>	<b>Desenho</b>
		<b>Pintura</b>
		<b>Escultura</b>
		<b>Cinema</b>
		<b>Fotografia</b>
	<b>Artes Cênicas</b>	<b>Teatro</b>
	<b>Música</b>	<b>Estilos e ritmos musicais</b>
<b>Dança</b>	<b>Tipos de danças: forró, valsa, samba, entre outros.</b>	

Quadro1: Explicação demonstrativa das modalidades artísticas construído a partir da proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais – arte, volume 6(BRASIL, 2001 p.11).

Com essa explanação, as crianças puderam compreender abrangência que a Arte atinge na sociedade a qual está inserida. Desta forma, torna-se possível o entendimento de que todos nós somos sujeitos ativos e transformadores da sociedade e que, não é por não sabermos “desenhar” que não possamos utilizar da arte em nosso cotidiano. Percebe-se aqui que, a falta de democratização da arte, esta ligada principalmente à falta do conhecimento que temos sobre ela.

### **3.2.1 - Arte e Língua Portuguesa: Uma Abertura à Diversidade.**

A primeira aula realizada foi a da Arte com Língua Portuguesa. Nessa aula, a temática abordada foi a diversidade e os conteúdos foram: As cores do arco-íris/arco celeste; perspectiva artística, bíblica e cultural e o Disco de Newton e sua teoria sobre o reflexo das cores através da luz.

Inicialmente, com letras desenhadas, todo o quadro foi preenchido com a palavra diversidade. Perguntas como: o que é diversidade? E em que a diversidade se faz presente em nossa vida? Nortearam toda a aula e conseqüentemente, a temática influenciou todas as outras aulas ministradas durante a semana da aplicabilidade do projeto, inclusive imprevistos e participações dos alunos que dinamizaram ainda mais toda a prática pedagógica utilizada nas aulas.

A participação dos alunos ao serem questionados acerca da diversidade contribuiu para identificar o nível da relação de respeito existente entre os próprios colegas de sala de aula quanto às diferenças. Os alunos responderam que diversidade está ligada a diferença e que “todos nós somos diferentes”, possibilitando assim, que fosse demonstrada no quadro, a distinção entre as características biológicas como cor de olhos, cabelos e pele das características culturais como costumes, sexo e religião. A discussão realizada foi voltada para o sentido de que, não precisamos gostar da diferença do outro para poder respeitá-lo e que, nossas características, sejam elas biológicas ou culturais são o que formam nossa identidade como pessoas e conseqüentemente, cidadãos sociais.



Foto 1: Explicação sobre as modalidades artísticas (Foto de Ivete, em 2012)

A etapa seguinte foi a distribuição do texto “As cores do arco-íris” de Jennifer Moore-Mallinos, que atribui as cores do arco-íris às características que nos diferenciam uns dos outros e que, todos nós, sendo diferentes, fazemos parte de um todo, um meio social, representado no texto, pelo próprio arco-íris.

Em comparação com o texto de Moore-Mallinos, ouvimos a canção “Aliança de Amor” do cantor cristão André Valadão que trata do arco-íris como símbolo da aliança de Deus com a humanidade criada após o dilúvio ao declarar que não a destruiria mais com água, descrita nos versículos bíblicos que diz: “O meu arco tenho posto na nuvem, este será por concerto entre mim e a terra. E acontecerá que, quando eu trazer nuvens sobre a terra, aparecerá o arco nas nuvens.” (Gênesis 9:13 -14).

Os alunos receberam a canção impressa e juntamente com o auxílio de um rádio compatível ao uso de pen drive, toda a turma pode interagir cantando a canção. Em seguida nos foi possível fazer a discussão de que socialmente, o arco-íris traz um sentido cultural de respeito às diferenças e que ao mencioná-lo biblicamente, ele recebe o nome de arco celeste, representando a aliança de amor de Deus com a humanidade.

Diante da necessidade de que as crianças com deficiência visual pudessem acompanhar e compreender claramente todas as etapas da aula utilizamos ainda, o livro “A dança das cores” de Luís Pimentel, totalmente adaptado para crianças cegas com escrita braile. O mesmo trás uma abordagem comparativa das cores com objetos a ambientes de nosso cotidiano como frutas, sapato, céu, entre outros. A didática utilizada nesse momento foi a de pedir que toda a turma fechasse seus olhos durante a leitura do livro para que assim cada um fizesse sua interpretação e indagações sobre as imagens que estariam no livro. Logo em seguida, todos

puderam compartilhar sobre que imagens eles pensaram compor o livro e compará-las com as ilustrações presentes no livro. Em seguida, o livro ficou a disposição para que as crianças pudessem tateá-lo para sentir o pontilhamento do braile, mesmo não sendo uma novidade para os mesmos, pois devido ao constante contato com crianças com deficiência visual e recursos adaptados, a turma demonstrou conhecer mesmo que superficialmente, algumas habilidades do braile.

Depois de um breve intervalo para lanche e recreação, pudemos introduzir o conceito de que nas obras de Arte, a cor branca traz o sentido da presença de luz e conseqüentemente, a cor preta representa sua ausência. A partir dessa colocação pudemos mencionar a teoria física de Isaac Newton revelando que a presença de todas as cores diante da luz forma a cor branca. Imediatamente um aluno se posicionou e disse: “professor, o senhor sabia que se agente acender uma lanterna no copo d’água e na folha de papel, podemos ver um arco-íris?” O aluno foi elogiado pela sua observação, pois essa seria justamente, a próxima etapa da aula. Uma lanterna já estava posta dentro da mochila e estava guardada para a realização da experiência no final da exposição do conceito.

Devido à ausência dos raios de sol na sala de aula e a falta de eletricidade na escola neste dia, quase não foi possível ver o arco-íris refletido pela luz da lanterna através da água sobre a folha de papel, fazendo-nos pensar ter deixado uma lacuna na aula. No entanto, outros imprevistos aconteceram durante as outras aulas que vieram a contribuir significativamente em toda a aplicabilidade do projeto unificado a experiência de docência do estágio, as quais serão relatadas sequencialmente.

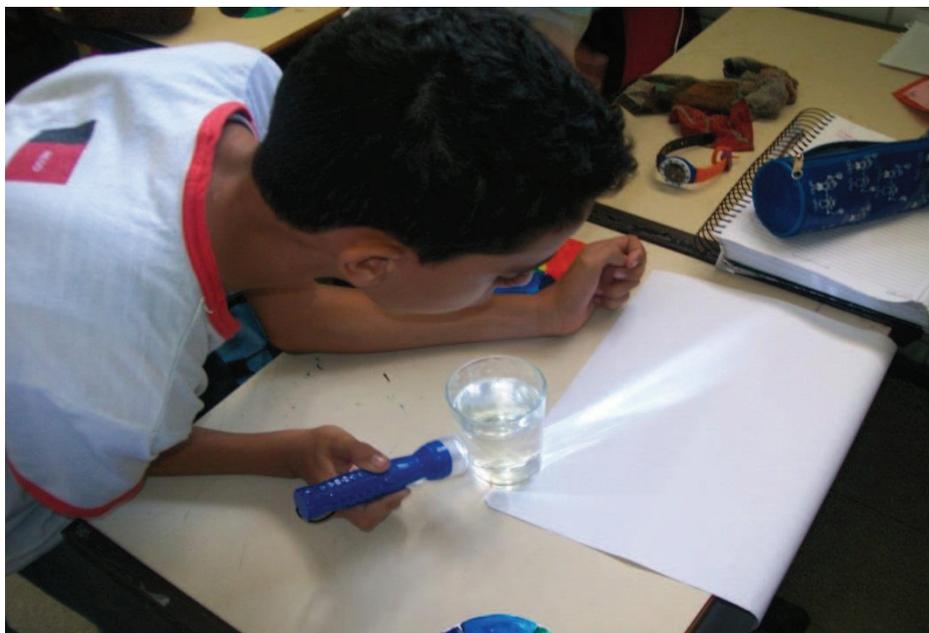


Foto 2: Criança fazendo a experiência do reflexo da luz sobre a folha de papel. (Foto de Ronyere, em 2012).

Já conhecendo um pouco sobre a teoria de Newton, a proposta agora foi a de que os alunos montassem o seu próprio Disco de Newton com cartolinas, lápis, e cola colorida. Para fazer a circunferência, cd's foram utilizados como moldes e para que as crianças cegas não ficassem ausentes da atividade, foi proposto que todos montassem duplas para a realização da mesma na expectativa de que um ajudasse o outro. Diante da insuficiência de cd's para fazer a circunferência, tivemos a oportunidade de ensinar a turma outra forma de fazer um círculo, a partir de uma tira de cartolina contendo metade do tamanho desejado para o mesmo e um furo em cada uma das extremidades. Desta forma, os alunos puderam atribuir-se de conhecimentos geométricos que poderão ser utilizados em outros momentos de seu cotidiano.



Foto 3: Crianças produzindo o Disco de Newton(Foto de Ronyere, em2012).

Após construir o Disco de Newton, os alunos tiveram a oportunidade de ver o resultado da teoria, colando o mesmo na ponta superior do lápis e girando-o com velocidade, resultando assim, na cor branca.

Percebeu-se ao final da aula que os objetivos foram alcançados ainda que parcialmente neste primeiro dia, pois no decorrer da semana, a temática da diversidade acabou fluindo de forma imprevista em vários momentos.



Foto 4: Criança girando o Disco de Newton (Foto de Ronyere, em 2012)

### **3.2.2 – Arte e Matemática: O Desenho e as Medidas de Comprimentos**

Para a realização da interdisciplinaridade da Arte com a Matemática, fomos orientados pelo professor do Componente Curricular Conteúdo e Metodologia do ensino de Matemática a trabalhar com as medidas de comprimento. Assim, o objetivo da aula foi o de relacionar o desenho com as medidas de forma prática e compreensiva para a turma.

Iniciamos a aula com muita interatividade da turma e da professora titular ao discutirmos como as medidas eram utilizadas antes de sua convencionalidade e em décadas passadas. Citamos por exemplo o uso da polegada, do palmo, do braço e jardas para exemplificar práticas utilizadas pelas pessoas em tempos passados. Ao mencionarmos que no tempo de nossos pais e avós as pessoas usavam cadarços para medir os pés antes comprar um sapato, a professora da turma se posicionou e disse que sua mãe também utilizava dessa noção de medida para comprar os sapatos de seus filhos. As crianças demonstraram surpresa e riram um pouco.



Foto 5: Exposição das medidas não convencionais e dos submúltiplos do metro. (Foto de Ivete, em 2012).

A próxima etapa foi a de mostrar no quadro os submúltiplos do metro como medidas convencionais e propor em seguida que ao dividirmos as crianças em grupos, os mesmos realizassem algumas atividades de medições e em seguida, registrassem em desenho suas experiências.

Foi proposto então que cada grupo fizesse medições de espaços e objetos diferenciados, o primeiro grupo ficou encarregado de, através da régua, medir o tamanho de vários objetos escolares que fizessem parte de seu cotidiano na sala de aula, como borracha, caderno, cola e estojo. Em seguida os mesmos ficaram encarregados de representar através do desenho, os materiais escolares numa folha de papel.

A atividade proposta ao segundo grupo foi a de medir o perímetro da sala de aula. Com apenas uma fita métrica na sala de aula, foi preciso improvisarmos um instrumento que viesse a substituí-la, de forma a suprir a necessidade de medir os quatro cantos da sala. Para isso, propomos aos alunos que cortassem tiras de cartolinas com medições de um metro cada uma. Em seguida solicitamos que as colassem em duas partes formando uma medida de dois metros e depois, fizessem a adição de cada lado da sala. À medida que alguns alunos faziam a medição, outro grupo registrava no papel para que em seguida, todos pudessem auxiliar na representação da atividade.

O terceiro grupo ficou encarregado de representar uma mesa e uma cadeira em todos os seus aspectos de tamanho como altura, largura e comprimento. Nessa atividade percebeu-se a dificuldade de as crianças fazerem representações em 3D. Essa limitação surge da falta de prática com o desenho durante o decorrer dos anos do ensino fundamental gerando quase

sempre a insegurança de tentar uma representação cada vez mais real daquilo que se espera. Foi preciso então, fazer uma rápida intervenção para que as crianças desenhassem com mais clareza e precisão. O resultado é visto na representação da cadeira, ficando ainda a mesa em duas dimensões.

Com a atividade de medir e registrar o comprimento e a largura do birô e do quadro de giz, o quarto grupo foi o que mostrou maior interatividade dinamismo. Sendo o quadro maior do que a fita métrica, eles tiveram de descobrir novas formas de realizar a atividade como a soma por partes ( $1\text{ m} + 1\text{m} + 1\text{m} = 3\text{m}$ ). Com o final da atividade, o grupo mostrou-se bastante satisfeito com o resultado.

O grupo seguinte foi um grupo formado apenas por meninos, os quais demonstraram inicialmente um pouco de insegurança quanto a atividade devido a terem ficado com a responsabilidade de medir a representar a altura de cada membro do grupo. Essa insegurança tenha sido gerada talvez, pelo fato de serem todos do sexo masculino e atribuírem muitas vezes a atividade de medir pessoas à mulheres. Nesse caso, a intervenção foi necessária para que os mesmos dessem continuidade ao trabalho pedagógico. Explicamos aos mesmos que não há nenhum problema em medir o colega e utilizando uma fita métrica, todos realizaram a tarefa e fizeram os desenhos.



Foto 6: Aluno representando graficamente sua altura (Foto de Ronyere, em 2012).

A sexta equipe também ficou responsável por medir materiais escolares como a primeira, no entanto, as representações aqui, deveriam ser em tamanho real dos objetos. Para

isso, as crianças utilizaram os próprios materiais solicitados como molde para fazer suas representações em desenho e medida.

No final da aula cada grupo teve a oportunidade de expor oralmente seus trabalhos para que todos da turma tomassem conhecimento de cada atividade solicitada. A maior surpresa dessa aula foi a intervenção da professora titular em dizer que ficou admirada ao ver um de seus alunos que nunca tinha participado oralmente de suas aulas, ali na frente do quadro, apresentando o trabalho de seu grupo.



Foto 7: Criança representando os materiais escolares em tamanho real, (Foto de Ronyere, em 2012).

Tivemos ainda nessa aula, a presença da professora do Componente Curricular de Estágio Supervisionado VI, que acompanhou todo o desenvolver da aula e interação das crianças e questionou a professora titular acerca da metodologia utilizada pelo estagiário e ministrante do projeto de pesquisa de Arte. A professora da turma demonstrou muita satisfação ao declarar que mesmo já tendo trabalhado aquele conteúdo com sua turma em outra oportunidade, percebeu que a interação dos mesmos com o conteúdo desta vez foi maior devido a prática de eles mesmos estarem vivenciando o resultado das atividades.

Percebeu-se ao final da aula que os objetivos alcançados aqui foram mais satisfatórios do que o esperado, ficando a expectativa de que o conhecimento da relação da Arte com a matemática venha a contribuir de forma significativa em outros momentos do cotidiano da turma.

### **3.2.3 – Arte, Geografia e Ciências: A Musicalidade como Suporte à Consciência do uso Adequado da Água.**

Na terceira etapa do projeto de pesquisa, abordamos a temática da água e o meio ambiente. As disciplinas inter-relacionadas foram a Arte, a Geografia e as Ciências Naturais. Com os objetivos de promover a conscientização do uso devido da água, utilizamos da música (modalidade artística) como auxílio para o desenvolvimento de algumas atividades do dia.

Primeiramente, os alunos receberam em mãos a cópia digitada da canção “Planeta Água” de Guilherme Arantes e com um pequeno radio portátil como recurso, podemos ouvir a música com boa qualidade de som. A canção ainda era desconhecida pelas crianças, mas em poucos minutos, todos já estavam acompanhando. Foi dada então, uma abertura para que houvesse uma discussão da temática em relação à música ouvida. Imediatamente alguns alunos começaram a citar exemplos de vizinhos e parentes que costumam gastar a água das torneiras de forma indevida para lavar carros, calçadas e torneiras que permanecem abertas sem qualquer utilidade. Foi necessária a intervenção de que não fossem citados os nomes dos vizinhos e parentes, pois todos nós somos responsáveis pelo uso da água.

A parte mais importante da aula foi a discussão acerca da distribuição da água em nosso planeta em que surgiram dúvidas acerca de se a água acabaria um dia. Pois devido ao nosso mau uso desse recurso, ficaríamos então no futuro sem água? Explicamos aos alunos que em nosso planeta sempre haverá água. No entanto, a água potável, própria para o consumo se tornará cada vez mais rara e conseqüentemente outras formas de renovações e purificações da água deverão ser adotadas no futuro. O questionamento agora foi o de que formas alternativas seriam essas que garantiriam a sobrevivência saudável da humanidade? Mencionamos então duas: As redes de tratamento de água e a dessalinização da água do mar. Aparentemente essa pareceu ser uma solução bem óbvia, porém, as crianças ficaram surpresas ao tomarem conhecimento de que essa seria também uma das mais caras formas de purificação da água e que necessitaria de investimentos sérios por parte dos governos em favor da humanidade.

Não poderíamos concluir a discussão sem encontrarmos uma solução mais provável de como podemos ajudar para a preservação deste recurso tão precioso à vida humana. Foi então que, a partir da participação da turma, chegamos à conclusão de que a principal medida a ser tomada de imediato é a preservação de nossos rios, açudes e principalmente, desenvolvendo práticas que vão contra o desperdício e do uso indevido da água.

A atividade proposta em seguida foi a de que baseado na canção estudada e na discussão realizada, os alunos produzissem cartazes de conscientização acerca do uso, consumo e preservação da água de nosso planeta.

A participação oral da aula e a produção dos cartazes foram obtidas como forma de avaliação dos conteúdos estudados.



Foto 8:Criança montando um cartaz sobre a preservação da água do planeta Terra. (Foto de Ronyere, em2012).

### **3.2.4 – Arte, História do Brasil e História da Paraíba: Escravidão, Racismo e Preconceitos sob a Perspectiva da Obra de Cândido Portinari.**

A interdisciplinaridade da arte aqui apresentada foi a mais abrangente aos conteúdos e ao favorecimento de se trabalhar com várias disciplinas. Para tanto, a Arte foi entrelaçada com as disciplinas de História do Brasil, História da Paraíba e a Literatura. A aula teve como temática a história e cultura africana e afro-brasileira, proposta a ser trabalhada nas escolas públicas de nosso país. Os conteúdos abordados foram à escravidão, o racismo, o preconceito, a análise de uma obra de Cândido Portinari e a Literatura Infantil no conto de “A Bela Acordada” da professora Lígia Pereira.

Já no início da aula fomos todos surpreendidos com a chegada de um aluno que se expressa com bastante alvoroço ao dizer: “professor, o senhor não sabe o que aconteceu na minha rua. De madrugada deram uma surra tão grande num cara na minha rua que os ossos dele estralaram. Hoje de manha o sangue estava lá na rua”. A criança não soube explicar o que teria levado essas pessoas a baterem no outro, porém sua participação veio muito a contribuir em nossa discussão.

Mais uma vez, a temática da diversidade vem à tona tendo em vista que o respeito às diferenças torna-se algo extremamente essencial para o convívio social. Sendo assim, com

letras desenhadas o quadro foi preenchido com as palavras escravidão, racismo e preconceito afim de que fosse promovida uma discussão sobre as temáticas.

O comentário do aluno foi uma considerável abertura para introduzirmos a temática da violência associada à nossa aula. Questionamentos como o que leva uma pessoa a agredir o outro foram levantados. Percebemos então que, na maioria das vezes, a pessoa negra acaba sendo a principal vítima do preconceito e que essa mentalidade de pensar o negro como inferior deve ser desmistificada desde a infância para que a relação entre os colegas e também com o próximo seja sempre favorável às diferenças. De onde vem então essa imagem de superioridade que fazemos de nós mesmos em relação ao outro quando não há o respeito? Mencionamos então as crianças com deficiência visual presentes na sala. Por não poderem enxergar, elas não têm como distinguir uma pessoa pela cor de sua pele, mas sim, pelas suas palavras e ações em relação a eles.



Foto 9: Leitura do conto: A Bela Acordada. (Foto de Ivete, em2012).

Fomos surpreendidos nessa aula por diversas ações ocorridas de forma inesperada que acabaram tornando os conteúdos e temáticas mais significantes para os alunos. Entre elas o fato daquele ser o dia de se trabalhar História da Paraíba, segundo o currículo escolar, os alunos estavam todos, munidos do livro didático e já esperavam que mencionássemos os escravos paraibanos no conteúdo da aula.

A professora titular da turma disse que não haveria nenhum problema se não mencionássemos já que no planejamento dos conteúdos ela não havia mencionado História da Paraíba. No entanto, o conteúdo do livro didático das crianças era justamente a história de

Anastácio; o rei de uma comunidade quilombola paraibana no período colonial e trabalhar aquele texto com os alunos promoveria claramente a relação do conto que veria a seguir: “A Bela Acordada” de Lígia Pereira (2011), que fala da história de uma princesa africana que foi sequestrada e trazida para o Brasil na condição de escrava e que na oportunidade, fugiu e montou o quilombo dos palmares.

Foi possível então, fazer a comparação de ambos os textos e promover uma ótima discussão sobre as condições dos navios negreiros no período da colonização e vida dos negros africanos na condição de escravos e a fuga para os quilombos.



Foto 10: Arco-íris refletido pela luz do Sol através de um cd. (Foto de Ivete, em2012).

Outra surpresa que obtivemos nessa aula foi quando a professora da turma entregou um cd que tinha ficado na sala de aula no primeiro dia quando abordávamos a diversidade. O objeto foi colocado em cima da mesa e posteriormente foi dada a continuidade à aula. De repente, com a luz do Sol refletida através do cd, um largo arco-íris foi formado na parede deixando-nos todos surpresos, pois na experiência de vê-lo refletido sobre o papel no primeiro dia de aula não havíamos sido bem sucedidos, porém agora, um vasto arco de cores iluminava a parede e teto da sala de aula. Esse foi chamado de “o arco-íris da diversidade”.

Ao mencionarmos o preconceito, fomos direcionados a temática das diferenças religiosas onde muitas vezes, atribuímos a nossa crença como superior às demais faltando a tolerância e o respeito. Ficou entendido que não precisamos gostar da religião do outro para respeitá-la. Um aluno nos questiona então, sobre o que vem a ser a macumba? Por não termos uma resposta precisa, algumas crianças da sala imediatamente recorreram ao dicionário e leram que a macumba trata-se de cultos religiosos afro-brasileiros.

A próxima etapa da aula foi a de promover a relação do que foi estudado nesse dia com a obra “O lavrador de café” de Cândido Portinari. Primeiramente, a obra foi descrita detalhadamente pelas crianças na expectativa de que as crianças com deficiência visual pudessem compreender do que se tratava a imagem. Consideramos então, que se tratava de um homem negro, escravo, segurando uma enxada diante de uma vasta plantação de café e que, mesmo após a abolição da escravatura, as pessoas negras continuaram a ser tratadas como inferiores diante dos demais e atribuídas de trabalhos pesados e expostas ao Sol.

Observamos ainda, aspectos biológicos da cultura africana mostrados na obra analisada como mãos, pés e lábios avantajados e cabelos encaracolados. A partir das observações da imagem e dos comentários e participações decorridas no decorrer da aula, as crianças foram direcionadas a fazerem uma releitura da obra a partir das técnicas do desenho à grafite como: esboço, perspectiva, foco de luz e sombreamento. Percebeu-se então que esta foi uma das mais significativas aulas ministradas durante a semana da aplicabilidade do projeto de pesquisa havendo a interação, participação e produção da turma de forma a contribuir para o processo de ensino e aprendizagem.



Foto 11: Criança fazendo a releitura da obra O lavrador de café de Cândido Portinari a partir das técnicas do desenho à grafite. (Foto de Ronyere, em 2012).

### 3.2.5 – Arte e Cultura Indígena: A Relação do Indígena com a Natureza a partir das Histórias em Quadrinhos.

Achamos cabível ainda, introduzir em nossa prática, uma oficina<sup>1</sup> sobre Educação Indígena. Com o objetivo de relacionar a cultura indígena com as histórias em quadrinhos, utilizamos como suporte, uma tira do Papa Capim, (personagem indígena brasileiro criado por Maurício de Souza). A visão abordada foi a da relação do indígena com a natureza.

As etapas realizadas durante a oficina se deram a partir da seguinte sequência didática: Distribuição e leitura da tira com a turma; reprodução da tira no quadro em tamanho expandido; detalhamento das imagens; discussão dos conteúdos abordados nos quadrinhos; aula de desenho da personagem indígena utilizada.

Ao distribuímos a reprodução da tira proposta, solicitamos que as crianças fizessem uma breve leitura para que pudessem dar início a discussão da temática. No entanto, como já esperávamos, percebeu-se a dificuldade de compreensão da leitura por parte das crianças devido a algumas palavras de origem indígena contidas no texto. Foi então que fizemos no quadro a reprodução da tira em tamanho expandido para que houvesse maior espaço para a explicação do que estava sendo proposto. A partir de então, fizemos a descrição detalhada do que estava contido nos quadrinhos para que facilitasse a compreensão por parte das crianças com deficiência visual presentes na sala e a explicação do contexto em que aquelas palavras indígenas estariam ali.

A tira utilizada foi a seguinte:



Copyright © 2000 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

7525

Fonte: <http://www.monica.com.br/index.htm>.

<sup>1</sup> Esta oficina é parte integrante da proposta pedagógica do projeto de extensão “Práticas de Leitura Itinerantes na Biblioteca da Escola”, coordenado pela professora Patrícia Cristina de Aragão Araújo. – UEPB.

Ao descrevermos a tira, observamos primeiramente que, o autor da mesma faz uma visão do indígena sobre o homem branco, (chamado de caraíba). Diferentemente do que costumamos ver nos livros didáticos ao nos depararmos com a visão do europeu sobre o indígena. Essa afirmação fica visível quando Papa Capim compara as palavras m'boi e jaci com suas respectivas traduções da língua portuguesa por cobra e lua. O comentário realizado foi o da importância de não nós referirmos ao outro somente pela nossa perspectiva e opinião. É importante compreendermos que não é pela cultura do outro ser diferente da nossa que ela passa a ser inferior. Porque o nativo tem que ser “Índio” e não “aborígene” e nós não podemos ser “caraíbas”?

A partir das colocações feitas até então, diversas dúvidas expostas pelas crianças foram sendo expostas acerca do indígena hoje; como ele vive, onde mora e se ainda existem tribos no Brasil. As dúvidas das crianças nos proporcionaram uma relevante discussão onde pudemos compreender que ainda existem sim, diversas tribos indígenas vivendo sobre a cultura de subsistência como a caça e a pesca, no entanto, essa afirmação jamais pode ser generalizada pelo fato de muitas das tribos nativas estarem hoje, adaptadas ao convívio social da vida urbana, inclusive ingressadas em estudos e universidades, buscando, sobretudo seus direitos territoriais.

A historinha em quadrinhos finaliza com o questionamento de Kava (personagem secundário da turma do Papa Capim), sobre como os caraíbas chamam a paisagem a qual eles estavam vendo. A imagem retrata a derrubada de árvores realizada pelo homem branco na busca de suprir desejos e necessidades financeiras a partir dos elementos naturais como o citado na tira: as árvores. Papa Capim, com olhar de desapontado, responde ao pequeno curumim que isso é chamado pelo homem branco de progresso.

Discutimos então sobre a comparação do uso e retirada dos elementos da natureza tanto pelo indígena como pelo homem branco e partir de então, como se estabelece a relação entre homem e natureza nas respectivas sociedades. Ficou claro demonstrar que a relação do indígena com a natureza pode ser chamada harmônica, pois mesmo o nativo sobrevivendo da natureza, ele só retira da mesma o que ele precisa, tal como construir seu habitat em consonância com a mesma, dando a natureza, o tempo necessário para sua própria reposição de seus recursos como plantas, árvores e animais. No entanto, em contra partida a essa afirmação, percebemos que a nossa sociedade tem-se desenvolvido “progredido” sobre a inconstante devastação de nossos recursos materiais através de um uso desenfreado e destrutivo dos recursos da fauna e flora da natureza.

O problema da humanidade estaria então, na falta de entendimento do homem de que nós também somos natureza e quando destruímos algum recurso natural, estamos destruindo também a nós mesmos. Ao identificarmos todos esses relevantes aspectos de relação do indígena com a natureza propomos então que esse tipo de relação deve também acontecer em nosso cotidiano e que ao nos posicionarmos como parte integrante da natureza, compreendemos com maior clareza, a importância da mesma em nossas vidas.

Finalizamos a oficina com a prática de como desenhar um personagem indígena, a partir das considerações feitas durante a aula. As crianças da turma foram então, instruídas acerca de

técnicas básicas e fundamentais do desenho com estrutura do corpo humano, esboço, sombreamento e características das personagens. Os resultados foram bastante satisfatórios ao observarmos o interesse e a participação dos alunos em todo o decorrer das atividades.

### 3.2.6 – Arte Inclusiva

A expectativa das crianças para o último dia era justamente o que estava previsto para a conclusão do projeto de que na sexta-feira, fosse realizada uma aula focando os elementos artísticos das artes visuais. Já antecedente ao momento de entrarmos na sala de aula, fomos questionados por várias crianças com a seguinte pergunta: “professor, hoje é arte com arte?”. Ao perguntarmos as mesmas o motivo da indagação, elas responderam que durante toda a semana realizaram atividades da disciplina de Arte com quase todas e que a única que estaria faltando seria a Arte com a própria Arte. Apesar de parecer engraçado, essa aula teve como objetivo, mostrar a importância atribuída à disciplina de Arte no currículo escolar e sua interdisciplinaridade transposta entre as demais disciplinas.

Baseado na proposta de que a Arte seja também inclusiva e, devido principalmente a presença participativa das crianças com deficiência visual na turma, a temática da inclusão foi a principal essência dessa aula.



**Arte Inclusiva**

Foto 12: Professora titular da turma expondo a reprodução de obras pintadas por artistas com deficiência. (Foto de Ronyere, em 2012).

O primeiro procedimento metodológico utilizado foi a exposição de obras impressas em tamanho A4 para que as crianças pudessem em um primeiro momento apenas, apreciá-las. A turma, tal como também, a professora titular, ficaram surpresos quando lhes foram mencionado a informação de que todas aquelas obras foram pintadas com os pés e com a boca por artistas com deficiência física. Essa afirmação levou as crianças a observarem as obras com ainda mais sentido, nos proporcionando a compreensão de que somos todos, capazes de fazer Arte, independentemente de sermos ou não, artistas.

Propomos então que as crianças escolhessem uma das obras apresentadas para a realização de uma releitura em cartolina.

Os alunos fizeram duplas para a realização da atividade no intuito de que os mesmos se auxiliassem conforme a necessidade e pudessem também, compartilhar os materiais que precisassem usar.



Foto 13: Criança esboçando o desenho de uma arara.(Foto de Ronyere, em 2012).



Foto 14: Criança esboçando o desenho de um tigre.(Foto de Ronyere, em 2012).

A aula só seria inclusiva se as crianças com deficiência da sala de aula também pudessem participar ativamente das atividades propostas. Pensando nisso, sugerimos ao aluno com deficiência visual presente no dia a releitura da obra “Passeio em Veneza”, pintada com o pé pelo artista oriental Jui-Chim-Lian. Por se tratar de uma obra simplificada ao uso de formas geométricas e curvas bem delineadas achamos a mesma, adequada para a criança. Para isso, descrevemos para o menino do que se tratava a pintura e lhe apresentamos a mesma em alto relevo para que ele pudesse sentir os traços da imagem.



Foto 15: Criança com deficiência visual pintando a releitura de uma obra.(Foto de Ronyere,em 2012).

O passo seguinte seria a pintura das formas e cenários que aparecem na imagem com um barco, uma ponte e uma rua com casas, portas e janelas. Enquanto tateava a obra em alto relevo, a criança fez questionamentos como: “aqui são duas portas?” e “isso daqui é a ponte?”. (R.S.).

O prazer e a satisfação demonstrada pelas crianças ao realizarem a atividade de releitura nos remeteram a compreensão de que a proposta foi bastante significativa para os mesmos não apenas pelo prazer de fazer arte, mas também pela compreensão da importância da mesma no currículo escolar e em suas vidas cotidianas.

Por fim, cada criança fez uma produção textual dando o depoimento do aprendizado ocorrido durante toda a semana em que o projeto de democratização interdisciplinar foi realizado.

As transcrições a seguir são trechos da produção textual das crianças:

“Eu aprendi a misturar artes com matemática e a desenhar coisas difíceis”. (N.S.).

“O professor ensinou artes com diversidade, aprendemos que devemos respeitar as diferenças, que não podemos apelidar os outros...” (F.D.).

“Foi muito bom, eu aprendi que não podemos julgar uma pessoa só porque ela é diferente.” (comentário de uma das crianças com deficiência visual).

Acreditamos então, ter alcançado nossos objetivos a partir das atividades propostas tal como a participação ativa das crianças e do auxílio da professora titular, promovendo assim, a familiaridade com o universo e o conhecimento da Arte na Educação através da proposta da democratização do ensino de Arte sob a perspectiva da interdisciplinaridade.

Obs: As letras apresentadas no final de cada comentário referem-se as iniciais dos nomes de alguns alunos, retirados de seus textos produzidos no final da aplicabilidade do projeto.

## **4—OS EMPASSES E CONQUISTAS DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR EM ARTE**

Na intencionalidade de promover um ensino artístico democrático por meio da interdisciplinaridade, obtivemos consideráveis conquistas através dos desafios enfrentados. Como trabalhar então, pela perspectiva interdisciplinar de forma a contemplar todos os envolvidos em sala de aula, desde a professora até a promoção inclusiva de todas as crianças? Sabendo-se que, a turma em que se deu esse processo é composta também, de duas crianças com deficiência visual.

È importante ressaltar ainda que, a diversidade de uma sala de aula não está caracterizada apenas, pela presença de crianças com deficiência ou não, a mesma se dá pelos diversos aspectos físicos biológicos e, sobretudo culturais presentes no cotidiano de cada criança assim, como da própria professora titular da turma.

Conforme nos afirma Peregrino:

Melhor do que falar de multiculturalidade é pensar uma interculturalidade capaz de abarcar democraticamente a diversidade, numa constante interrelação dinâmica, construindo uma postura crítica, no sentido de transformar as práticas vigentes através de uma participação mais ampla e ativa na cultura socialmente produzida.(1995 p.94).

Essa postura ficou explícita com as vigências da turma do 5º ano da Escola Estadual Augusto dos Anjos, por meio da aplicabilidade do projeto de pesquisa. Ao abordarmos, por exemplo, a temática da diversidade como eixo das aulas, acabamos contemplando diversas experiências que vieram a contribuir de forma significativa para nossa proposta pedagógica.

Desde a primeira aula, quando as crianças puderam relacionar as diversas cores do arco-íris com as diferenças culturais e biológicas presentes em cada uma de nós no contexto social em que vivemos, houve a promoção da diversidade. Observamos essa afirmação claramente no relato de uma criança cega que, depois de participar ativamente das atividades propostas à turma, declarou que não devemos julgar as pessoas pelas suas diferenças e sim, respeitar o próximo.

Explorar as unidades de medida de forma prática e associada às técnicas do desenho proporcionou as crianças um conhecimento dinamizado quanto às aulas de Matemática. A professora titular disse que já havia trabalhado esse conteúdo com as crianças, mas não dessa forma e, ao ver todos participando, demonstrou bastante satisfação. A proposta de promover inicialmente o conhecimento das medidas não convencionais utilizadas desde a antiguidade para então, desenvolver atividades voltadas para as medidas dos submúltiplos do metro, contempla o que propõe Marília Toledo (1997, p. 271), ao defender que uma vez iniciado o

trabalho com as medidas de comprimento, sem referência às unidades padronizadas, o professor pode desenvolver agora, as atividades de unidade padrão de medidas.

Desenhar então, aquilo que faz parte de seu cotidiano escolar como, o perímetro da sala, a mesa da professora, os materiais escolares e os próprios colegas da turma, torna-se bastante significativo para o aprendizado.

Em nossa discussão sobre o devido uso e consumo da água de nosso planeta, partimos da perspectiva do micro para o macro, mencionando inicialmente as pequenas atitudes de nossa vida diária que influenciam no uso desse recurso natural tão precioso, para então, abrangermos nossa discussão às problemáticas de maior extensão em nosso país, como as políticas públicas. “No Brasil, há uma concentração de recursos, que provocam concentração excessiva de renda, de emprego, de populações... nós deveríamos caminhar para políticas de descentralização”. (FAJARDO, 1998, p.63).

Com o incontrolável e indevido uso da água por parte da população, faz-se necessário a atuação de ações governamentais em favor de toda a população. No entanto, ficou claro em nossa discussão que, são através das medidas inicialmente individuais de cada um de nós, cidadãos, que podemos refletir em uma conscientização e prática intencional quanto a economia e o devido uso da água em nosso cotidiano.

A aula de Geografia em que se tratou da água como conteúdo principal, foi associada, à modalidade artística musical. Utilizando da música “Planeta Água” de Guilherme Arantes, como suporte no trabalhar deste conteúdo, almejamos alcançar algumas das propostas direcionadas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 80), que propõe através da musicalidade; a observação e discussão de estratégias pessoais e dos colegas em atividades de apreciação e entre outras; a discussão da adequação na utilização da linguagem musical em suas combinações com outras linguagens na apreciação de canções.

Sob as orientações estabelecidas pelas Diretrizes e Bases da Educação Nacional, conforme a Lei nº 9.394/96 procuramos utilizar do conteúdo da escravidão ocorrida no Brasil durante o período colonial através de textos e literaturas favoráveis ao conhecimento e a compreensão das crianças, fugindo de qualquer utopia ou alienação acerca do conteúdo, discutimos as condições precárias em que os negros vindos do continente africano eram sujeitos desde a captura na África até a submissão aos colonizadores no Brasil. Fomos remetidos ainda a uma significativa discussão da vida nas comunidades quilombolas de ontem e hoje que, para os alunos, forma uma surpresa ouvir a descrição de que em nossos dias elas continuam a existir com uma cultura essencialmente caracterizada de afro-brasileira.

A associação da temática com a obra “O lavrador de café” de Cândido Portinari nos proporcionou tanto a interdisciplinaridade da Arte com a História do Brasil e da Paraíba quanto à familiaridade das crianças com as obras de arte que conforme defende Maura Penna, a arte na educação só proporcionará a ampliação do universo cultural do aluno ao desenvolver a familiarização com as linguagens artísticas, (1995, p. 20).

A oficina ministrada sobre cultura indígena contemplou, a partir das histórias em quadrinhos, a relação do indígena com a natureza como um exemplo a ser seguido por todos

nós, compreendendo o conceito de que também somos parte da natureza e só a partir desse entendimento é que passaremos a desenvolver atitudes de preservação e propagação do meio ambiente.

Concluimos então as atividades do projeto propondo aos alunos que fizessem uma releitura a partir de obras pintadas com os pés e com a boca por artistas com deficiência, deixando as crianças deslumbradas e encorajadas a produzirem obras de arte. Ao final da atividade, cada criança pôde relatar por escrito, sua experiência com a interdisciplinaridade da Arte com as demais disciplinas do currículo escolar.

Ficamos então, satisfeitos com a aplicabilidade do projeto, acreditando ter alcançado nossos objetivos quanto interdisciplinaridade da Arte na promoção de um ensino democrático.

## 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que o ensino de Arte, sobretudo nas escolas públicas, tem passado por um processo de contínuas interferências. Mesmo ainda sendo adotada como uma disciplina mais irrelevante em relação às demais disciplinas do currículo escolar, um considerável número de colaboradores tem se levantado quanto ao ensino de Arte no Brasil. Sendo assim, diversas tem sido as propostas que tendem a contribuir para a ascensão do ensino de Arte nas instituições escolares como Ana Mae Barbosa, Maura Penna, entre outros estudiosos e pesquisadores.

Enfatizamos neste trabalho a necessidade de que o ensino de Arte torne-se algo mais democrático e acessível às crianças do Ensino Fundamental na intencionalidade de que os mesmos não vejam a Arte como elemento apenas das classes sociais altas. Sabemos que o objetivo da escola não consiste em formar artistas, mas cidadãos construtivos e participantes socialmente, no entanto, o contato que a escola poderá promover nos alunos com obras e produções artísticas são indispensáveis ao processo artístico e pedagógico, criando assim, laços de familiaridade das crianças com o universo artístico.

A partir das contribuições de Tourinho (2002), aqui apresentados, vemos o quão necessário é que o contato das crianças aos elementos artísticos se dê através da escola desde os anos iniciais e se prossigam por todo o decorrer dos anos letivos. É justamente com o passar dos anos na escola que se espera que esse conhecimento artístico, introduzido nos anos iniciais seja aprimorado e contextualizado socialmente e não infantilizado com práticas repetitórias e metódicas. Espera-se que assim, a credibilidade do ensino de Arte possa tornar-se cada vez mais reconhecida em meio ao currículo escolar.

Na perspectiva da promoção de um ensino democrático, propomos a interdisciplinaridade como principal instrumento pedagógico utilizado neste trabalho. Na prática interdisciplinar, deve ser dado o devido cuidado para que, tanto as características básicas das disciplinas quanto seus conteúdos não sejam dissolvidos ou percam sua essência, mas sejam associados de forma a preservar suas individualidades e cumpram seus devidos objetivos.

Segundo LUCK (1994), a proposta da interdisciplinaridade pode se revelar como contribuinte na reflexão e no conhecimento de soluções as dificuldades relacionadas ao ensino. Espera-se então que, por meio da interdisciplinaridade do ensino de Arte com as demais disciplinas do currículo escolar, a prática pedagógica da mesma venha ter um caráter mais significativo, refletido não apenas na escola ou na sala de aula, mas também, na formação de cidadãos mais compreensivos no entendimento de que a Arte está contextualizada em todo o nosso convívio social.

Constamos ainda neste trabalho, a descrição de nossa experiência vivenciada com a turma do 5º ano do turno da manhã da professora Ivete da Escola Estadual Augusto dos Anjos, localizada no bairro da Liberdade, Campina Grande – PB. A partir de visitas antecipadas à escola por meio do componente curricular de Estágio Supervisionado VI, foi possível

juntamente com a professora titular da turma, selecionar quais conteúdos deveria fazer parte do planejamento da aplicabilidade do projeto.

A proposta do projeto foi interdisciplinarizar diversos conteúdos e práticas artísticas com os conteúdos das demais disciplinas no decorrer da semana.

As crianças contempladas com o projeto demonstraram ter entendido bem a proposta do projeto e praticaram ativamente as atividades e juntamente com a contribuição e auxílio da professora titular, alcançamos resultados ainda maiores do que o esperado. Pudemos identificar durante a semana, atitudes de respeito e compreensão as diferenças dos colegas, visto que temáticas como diversidade, racismo e inclusão foram introduzidas aos conteúdos.

Compreendemos então que, a adoção da prática da interdisciplinaridade nas aulas de Arte, poderá contribuir de forma significativa para a promoção de uma maior consistência e reconhecimento de seu ensino no alcance de seus objetivos e na formação de cidadãos mais compreensivos no que diz respeito a contextualização da Arte com nossas vidas.

## 5– REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae. A Importância da Imagem no Ensino da Arte: Diferentes Metodologias. **A Imagem no Ensino da Arte**. São Paulo. Editora Perspectiva S. A. , 2001.

BARBOSA, Ana Mae. As mutações do conceito e da prática. In: \_\_\_\_\_ **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**: Lei nº 9.394/96 – 24 de dez. 1996. ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)) acesso em 10 de março de 2013 às 16h28min.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. 3 ed. Brasília: MEC / SEF, 2001.

FRANGE, Lucimar Bello P. Arte e seu ensino, uma questão ou várias questões? In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

FAJARDO, Elias. **Se cada um fizer a sua parte...** ecologia e cidadania / Elias Fajardo. Rio de Janeiro: ed. Senac Nacional, 1998.

GUIMARÃES, Leda. Processos de Triangularização na trajetória Docente: Da Educação Artística à Educação a Distância. In: BARBOSA, Ana Mae; CUNHA, Fernanda pereira da. (Org.s). **A Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo. Cortez, 2010.

KEHRWALD, Isabel Petry. Ler e escrever em artes visuais. **Ler e escrever**: Compromisso de todas as áreas / Iara Conceição Bitencourt Neves (Org.). Porto Alegre. UFRGS Editora, 2006.

LUCK, Eloísa. In: LUCK, Heloísa. **Pedagogia interdisciplinar**: Fundamentos teóricos metodológicos. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PENNA, Maura. O papel da arte na Educação Básica. In: PEREGRINO, Yara Rosas (Org.). **Da camiseta ao museu**: o ensino das artes na democratização da cultura. Joao Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1995.

PEREGRINO, Yara Rosas (Org.) Reflexões sobre a Educação Multicultural: A Realidade Brasileira. **Da camiseta ao museu**: o ensino das artes na democratização da cultura. Joao Pessoa: Editora Universitária/ UFPB, 1995.

RICHER, Ivone Mendes. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

SOUZA, Maurício: Tiras (<http://www.monica.com.br/index.htm>) acesso em 23 de junho de 2012 às 13h56min.

SANTOS, Lígia Pereira dos. **A bela acordada**. Campina Grande: Latus, 2011.

TOURINHO, Irene. Transformações no ensino da arte: algumas questões para uma reflexão conjunta. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

TOLEDO, Marília. **Didática de matemática: como dois e dois: a construção da matemática** / Marília Toledo, Mauro Toledo. São Paulo: FTD, 1997.

# **ANEXOS**

## Planos de aula

### Aula I

**Tema:** Diversidade

**Interdisciplinaridade:** Arte, Música e Língua Portuguesa.

**Conteúdos:** As cores do arco-íris / arco celeste; perspectiva artística, bíblica e cultural; o Disco de Newton.

**Recursos de apoio:** Livro: A dança das cores (Luís Pimentel); Música: Aliança de Amor (André Valadão); Texto I: As cores do arco-íris (Jennifer Moore-Mallinos); Texto II: O Disco de Newton (educadorbrasil.com); Texto III: Versículo Bíblico: (Gênesis 9:13 -14,).

\*Lanterna, copo d' água, pen drive, cartolinas, lápis de cor, cd's, cola e tesoura.

#### Objetivos:

- Promover uma discussão acerca da diversidade usando como referência, as cores do arco-íris;
- Proporcionar a compreensão da relação das cores com a presença e a ausência da luz a partir da teoria de Isaac Newton;
- Distinguir o sentido cultural (diversidade) do sentido bíblico (aliança) do arco-íris.

#### Metodologia

Aula dialogada com a utilização dos recursos propostos a partir da seguinte sequência:

- Escrita da palavra DIVERSIDADE com letras desenhadas no quadro;
- Questionar os alunos acerca do que é diversidade;
- Leitura do livro “A dança das cores”;
- Identificação das cores no cotidiano (proposta do livro para crianças com deficiência visual);
- Leitura do texto “As cores do arco-íris”;
- Discussão do texto lido (sentido cultural);
- Leitura do versículo bíblico sobre o arco celeste;
- Audição da música “Aliança de Amor” (sentido bíblico do arco celeste);
- Exposição da teoria de Isaac Newton;
- Construção de um Disco de Newton.

**Flexibilização:**

O livro “A dança das cores”, utilizado durante a aulaé transcrito em braile para facilitar a compreensão de seu conteúdo por parte das crianças com deficiência visual;

A produção do Disco de Newton será realizada em dupla para que as crianças auxiliem umas as outras.

**Aula II****Interdisciplinaridade:** Arte e Matemática**Conteúdo:** medidas de comprimento e desenho espacial (perímetro)**Recursos:** fita métrica, lápis, papel, borracha e régua.**Objetivos:**

- Relacionar a modalidade artística (desenho) com o conteúdo de Matemática (medidas) no cotidiano dentro e fora da escola.

**Metodologia:**

- Discussão do uso das medidas de forma não convencional ( palmo, braço e jarda);
- Divisão da turma em grupos para a realização da atividade.

Obs: O registro da atividade será realizado com a utilização do desenho e da representação gráfica feita pelos próprios alunos.

- Os grupos irão medir e registrar:
  1. A altura de cada membro do grupo;
  2. O tamanho dos objetos pessoais;
  3. O perímetro da sala de aula;
  4. Comprimento e largura das mesas e carteiras;
  5. Comprimento e largura do quadro.
- Exposição dos registros.

**Flexibilização:**

Realização das atividades em grupo para que haja interação e ajuda dos demais colegas com as crianças com deficiência visual.

## **Aula III**

**Temática:** A água e o Meio ambiente

**Interdisciplinaridade:** Arte, Geografia e Ciências.

### **Conteúdos:**

A água no meio Ambiente; O ciclo da água; A importância da água; Música “Planeta Água” de Guilherme Arantes.

### **Objetivo:**

- Promover a conscientização do uso devido da água pela humanidade;
- Utilizar da música como suporte textual para a compreensão do conteúdo.

### **Metodologia:**

- Leitura e áudio da música “Planeta Água” de Guilherme Arantes;
- Discussão da música com participação da turma;
- Discussão dos tópicos colocados no quadro: os estados físicos da água, o ciclo da água, a distribuição da água no planeta Terra. (oceanos e mares, geleiras, subterrâneo, atmosfera, lagos de água doce, rios e seres vivos).
- Água potável – própria para o consumo (inodora, insalubre e incolor);
- A importância da água (manutenção do corpo, higiene, agricultura e pecuária, produção de energia elétrica, transporte marítimo, esporte e no lazer, combate aos incêndios, nos seres vivos e na natureza).

## **Aula IV**

**Tema:** História e Cultura Africana e Afro-brasileira

**Interdisciplinaridade:** Arte, História do Brasil e Literatura.

### **Conteúdos:**

Escravidão, racismo, preconceito, gênero textual: conto, análise de obras.

### **Recursos:**

Livro: A Bela Acordada (Lígia Pereira);

Imagem da obra “O lavrador de café” de Cândido Portinari.

**Metodologia:**

Aula dialogada e expositiva;

Escrita das seguintes palavras no quadro: ESCRAVIDÃO, RACISMO E PRECONCEITO;

Leitura e discussão do livro: A Bela Acordada;

Discussão do processo histórico da escravidão a partir do período colonial até a introdução da cultura afro no Brasil;

Análise da obra “O lavrador de café” de Cândido Portinari;

Discussão do trabalho escravo atual;

Discussão das palavras escritas no quadro.

**Objetivos:**

Identificar e combater o preconceito e o racismo na sala de aula e promover a compreensão de participação da cultura africana na identidade do povo brasileiro.

**Aula V**

**Temática:** Arte inclusiva.

**Interdisciplinaridade:** Arte/ Língua Portuguesa

**Conteúdos:** Análise de obras pintadas por artistas com deficiência; releitura de obras; produção textual.

**Metodologia:**

- Exposição de obras de artistas com deficiência;
- Montagem de duplas para a realização da atividade;
- Análise e discussão das obras;
- Produção de uma releitura;
- Produção textual.

**Flexibilização:**

- Descrição das obras detalhadamente;
- Contorno em alto relevo de uma obra para que possa ser tateada pelas crianças com deficiência;
- As crianças com deficiência visual também poderão participar da atividade a partir do desenho de obras em alto relevo.